

## **GRUPOS COM PROFESSORES, PAIS E CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS**

Coordenador: ELISETE SOARES TRAESEL

A partir de um projeto de extensão intitulado "O construir interdisciplinar e a prevenção à violência contra a criança e o adolescente: a prática acadêmica entre a rede de proteção e a comunidade escolar" desenvolvido em uma escola municipal de Santa Maria, com a participação dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Serviço Social do Centro Universitário Franciscano, com o objetivo de instrumentalizar e discutir com os profissionais que atuam na comunidade escolar sobre as questões que envolvem a violência contra a criança e o adolescente, diagnosticou-se uma grande vulnerabilidade das crianças e adolescentes desta comunidade. Assim, a equipe do projeto constatou a necessidade de propor ações voltadas à atual situação destas crianças e suas famílias. A partir desta análise, considerou-se essencial que fosse criado, além de grupos de discussão com os professores e demais atividades voltadas à ação na comunidade grupos dentro da escola, visando atender às crianças que encontram-se em situações de vulnerabilidade e seus pais, ou responsáveis. Sabe-se que a questão da violência está relacionada a fatores de ordem pluricausal, assim, esta problemática não pode ser reduzida a questões individuais, de ordem meramente psicológica, pois estas crianças e adolescentes encontram-se em situação de vulnerabilidade por questões de ordem social associada a uma relação patriarcal de poder e controle (SAFFIOTI, 2004). Considera-se então que a escuta em grupo faz-se fundamental com o intuito de abrir espaços de discussão e construção de possibilidades de autoria e de criação, ou seja, espaços de saúde no que se refere às situações de violência e seus efeitos. Maldonato (1997) mostra índices alarmantes sobre a violência intrafamiliar que comprovam sua grande incidência. A pesquisa indica que, em 15% dos casos, o agressor está fora da família. Em 48,7% são os pais que cometem violência contra a criança, 28,2% são as mães e 10,3% são os padrastos, apontando a relação de dominação/opressão. De acordo com Pimentel e Araújo (2007), a violência intrafamiliar transforma o lar em um lugar de agressão, ao invés de proteção, demonstrando dificuldades dentro da esfera cuidador- criança. A violência contra a criança e o adolescente pode ser uma forma de relacionamento existente nos membros da família, precisando assim ser denunciada e desnaturalizada (ALGERI, SOUZA, 2006). Existe abuso, violência contra uma criança ou adolescente quando este é submetido, com ou sem resistência, ao desejo

de uma pessoa mais forte, vindo este ato sofrido ser extremamente marcante a estas vítimas e interferindo em todo o seu processo de desenvolvimento (AZAMBUJA, 2004). As omissões, atos praticados pelos pais, parentes ou responsáveis, à criança e/ou adolescente, que são capazes de causar à vítima dor e danos de natureza física, sexual e/ou psicológica, são denominadas violências domésticas implicando, de um lado, à transgressão do poder e dever de proteção pelo adulto e, de outro, numa coisificação da infância. Assim, ocorre uma negação do direito das crianças e adolescentes de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (AZEVEDO E GUERRA, 1995). As vítimas, na maioria das vezes, sentem medo em revelar a violência sofrida e procurar ajuda, pois acreditam que ninguém aceitará o que dizem, têm medo das brigas nas famílias, ou são coagidas física e moralmente pelos agressores. A criança percebe quando o adulto está abusando dela, sentindo raiva, porém não vê alternativa a não ser submeter-se a esta situação. Esta submissão gera sentimentos de vergonha, humilhação, inferioridade, desespero, culpa o que faz com que o segredo perpetue. Então, geralmente, a vítima acaba calando-se enquanto os demais membros negam-se a enxergar (BRAUN, 2002). Nesta direção, foi proposta a criação de grupos terapêuticos com crianças (VOLNOVICH, J.; HUGUET, 1995) em situação de vulnerabilidade visando oportunizar o exercício da palavra, do brincar e da ação enquanto sujeitos, com suas especificidades. Assim, foi constituído um grupo de crianças com periodicidade semanal, com cinco participantes que foram definidos em conjunto com a escola. Pretende-se, a partir do próximo ano, formar mais dois grupos com crianças. Com os pais, estão sendo realizados encontros mensais que têm a finalidade de sensibilizar para a questão da violência e seus efeitos, bem como despertar para outras vias e possibilidades de expressão e relacionamento com seus filhos, buscando, ainda, reflexão sobre o contexto em que ocorre a banalização da violência. Com os professores, o grupo, constituído por adesão, tem periodicidade quinzenal, com o objetivo que seja de abrir um espaço de discussão, trocas de idéias, dúvidas, reflexões sobre as questões que envolvem o cotidiano do professor, em especial no que se refere às questões relativas à violência. A metodologia utilizada é a dos grupos operativos (BLEGER, 1998). Salienta-se, enfim, a importância da interdisciplinaridade nas propostas de ação voltadas à questão da violência e ressalta-se que os grupos com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e seus pais, não constituem uma ação isolada, estando inseridos em uma proposta ampla de prevenção envolvendo toda comunidade escolar e a rede de atenção à criança e ao adolescente, buscando potencializar todas as formas de acolhimento e enfrentamento da situação.